

HEARTSTOPPER: SOBRE O DIREITO A NARRATIVAS AFETIVAS E FELIZES¹

Ricardo Silva de Araujo²

Joelma Cristina Silva Moreira Stella³

Resumo

O presente artigo discorre sobre a série Heartstopper da Netflix, que conta a história do casal adolescente LGBTQIA + Charlie e Nick, e que se tornou uma das produções mais assistidas da plataforma durante o primeiro semestre de 2022. Através da análise da repercussão da série na imprensa e nas redes sociais, procuramos compreender o impacto da ruptura narrativa que a série propõe, na representação de romances LGBTQIA +. Também buscamos discutir a importância de narrativas que retratam de modo positivo o afeto, não só dentro da comunidade LGBTQIA +, mas em corpos atravessados por outros marcadores identitários marginalizados, como raça, ou biótipo físico. Corpos que, por desviarem de uma normatividade cis hétero branca magra, são estigmatizados e colocados à margem do afeto. Sendo, portanto, usualmente representados, nas narrativas literárias e audiovisuais, de modo violento, triste e solitário. Como sujeitos indignos de amor.

Palavras-chave

Queer; Narrativas seriadas; Audiovisual.

Introdução

Em 2017, a escritora e ilustradora inglesa Alice Oseman, publicou pela Editora Hachette Children 's Group o primeiro volume da história em quadrinhos (HQ) considerada uma graphic novel – romance gráfico, Heartstopper. Obra que discorre sobre o relacionamento romântico entre Charlie Spring (irmão de Tori Spring) e Nick Nelson, personagens apresentados em Solitaire⁴. Os quadrinhos graphic novels entregam ao quadrinista uma maior autoridade em termos de estilo e temática, com histórias fechadas, as graphic novels são mais longas que as HQs convencionais. Outro fator que diferencia esse tipo de obra são os preços, uma graphic novel por ser impressa com papel de maior qualidade, é vendida no mercado por valores mais altos. COSTA, LPA (2012) afirma que “a graphic novel é uma narrativa autoral, portanto, ao contrário dos quadrinhos de editora, ela é capaz de levar algum reconhecimento ao seu autor, cuja imagem passa a dever à qualidade da obra”.

¹ Trabalho apresentado no GP IJ04 Comunicação Audiovisual, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Comunicação - Jornalismo (FACOM- UFBA). E mail: araujo.ricardo@ufba.br

³ Graduanda em Comunicação Produção em Comunicação e Cultura (FACOM- UFBA). E mail: joelma.stella@ufba.br

⁴ Primeiro romance de Alice Oseman, publicado em 2014.

Heartstopper nasceu como webcomic no Tumblr, e depois foi lançada como graphic novel, possuindo quatro volumes e um quinto cogitado para ser lançado em fevereiro de 2023. A primeira temporada da série foi adaptada pela Netflix com oito episódios baseados nos dois primeiros volumes da HQ. O roteiro foi adaptado por Alice Oseman e dirigido por Euros Lyn. Uma das estratégias da Netflix para dar visibilidade a série, foi escalar a atriz vencedora do Oscar e do Emmy Olivia Colman, para interpretar a mãe de Nick. Durante a sua primeira semana de estreia a série teve sucesso de público, e foi aclamada pela crítica no site Rotten Tomatoes⁵, que aprovou Heartstopper com 100%, pontuação rara de acontecer. Os colunistas do Radar do Streaming, que é publicado no jornal Estadão⁶, publicaram a seguinte crítica: “Tentei encontrar defeitos em ‘Heartstopper’, da Netflix, e falhei miseravelmente”. O jornal o Globo⁷ trouxe a manchete: ‘Heartstopper’: porque HQ e série são um fenômeno, com fãs de todas as idades. A resposta a esta pergunta pode ser mais simples do que parece.

A série oferece um bem-estar para todos as pessoas que cresceram sem referências de contato afetivo LGBTQIA+ cuja única referência de contato afetiva veio da pornografia (CASTRO, 2022), referendando o estudo de Aaron Betsky, que define “o espaço queer” como “inútil, imoral, um espaço sensual que existe para e pela experiência. É um espaço de espetáculo, consumo, dança e obscenidade. (PRECIADO, p.7 2017). Heartstopper é um conto que se desdobra em amadurecimento, sexualidade, identidade, saúde mental, amor, e o valor da amizade. Uma representatividade fundamental para um grupo social ainda com poucas referências afetivas na mídia, e que, dada a repercussão da série, visivelmente deseja se ver representado em narrativas românticas, porque as suas realidades e identidades não são exatamente iguais às demais (COLLING, p. 408 2013), não sendo as narrativas heteronormativas desse segmento, capazes de gerar autoidentificação positiva com esse público.

Portanto, uma das questões observadas nesse artigo, é a importância de uma narrativa LGBTBTQ+ positiva, perceber como os roteiristas criaram as características físicas,

⁵ É um website americano, agregador de críticas de cinema e televisão. A empresa foi fundada em agosto de 1998.

⁶ Link para a matéria do Estadão: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,defeitos-heartstopper-netflix-charlie-spring-joe-locke-nick-nelson-kit-connor,70004054140> acesso em 05/06/22

⁷ Link para a matéria do Globo: <https://oglobo.globo.com/cultura/televisao/noticia/2022/05/heartstopper-por-que-hq-e-serie-sao-um-phenomeno-com-fas-de-todas-as-idades.ghtml> acesso em 02/06/22

culturais e sentimentais das personagens, compreender como as emoções desses personagens chegaram até o público, criando empatia e identificação dos telespectadores.

Bullying contra LGBTs na escola

Uma das discussões necessárias que Heartstopper desenvolve é sobre o bullying homofóbico, a série exhibe em várias cenas como essa violência afeta pessoas LGBTQ+. Contendo momentos inquietantes e dramáticos, fazendo com que o telespectador sinta os sentimentos transmitidos pelos personagens, e os efeitos negativos gerados pelo bullying.

Esse tipo de violência retratado em Heartstopper o “bullying homofóbico acontece com regularidade nas escolas brasileiras, mas pouco se sabe sobre os números oficiais, pois as vítimas são pessoas invisibilizadas nos mais variados espaços sociais” (MARTINS, 2020 apud SOUZA; ALMEIDA, 2011; TORO; NEVES; REZENDE, 2010).

Na série Charlie é uma vítima perpétua de bullying, antes de conhecer Nick, ele é forçado a aceitar o relacionamento abusivo do seu namorado secreto Ben Hope (Sebastian Croft). Quando Charlie conhece o Nick, é convidado pelo próprio a participar do time de rugby, e cada vez que ele se aproxima de Nick mais apaixonado fica pelo colega. Mesmo tendo sido aceito pela equipe, os insultos homofóbicos não deixam de ser direcionados a Charlie pelos companheiros de rugby. No desenrolar da trama podemos notar algo muito comum que acontece entre jovens que são vítimas do bullying, Charlie acaba se acostumando de uma forma depressiva daqueles insultos, o personagem com um olhar melancólico, é um jovem que aceitou ser inferior ao resto da sociedade simplesmente por se sentir atraído por meninos.

O bullying homofóbico pode se manifestar de diversos modos, são eles: sujeição, ofensa, mentira, repressão, desvalorização, coação, eliminação (do grupo de pertencimento; do meio social; das rodas de aprendizagem), desbocando nas agressões (psicológicas representadas nas classificações anteriores e físicas). O bullying homofóbico requer atenção, pois não se trata de uma simples brincadeira entre os pares (MARTINS, 2020 apud SILVA, 2017; TORO; NEVES; REZENDE, 2010, p.694).

Nick ao observar os insultos que Charlie recebe, começa a revidar em grande estilo, ele sempre tenta se opor com palavras sensatas e coerentes aos insultos ofensivos de Harry, líder do grupo que persegue Charlie no rugby, e que é incapaz de perceber que sua

atitude é errada. Harry começa a dizer cada vez mais insultos homofóbicos contra Charlie, o que resulta em uma briga física entre Nick e Harry. Vale ressaltar aqui, que jovens gays sofrem bullying quase ‘duas vezes mais’⁸ que seus colegas heterossexuais.

Os profissionais da educação devem possuir uma formação adequada para conduzir situações como os de bullying no contexto escolar, para que esses mediadores possam amparar as vítimas que solicitarem auxílio, criando laços de confiança com seus alunos, o que é também mostrado em Heartstopper. Charlie encontra apoio do seu professor de arte, o qual é o primeiro a saber das agressões que ele vem enfrentando desde que a sua orientação sexual foi descoberta pelos colegas. Por isso:

Entendemos, também, que nenhum profissional envolvido no processo ensino-aprendizagem deve sentir-se oprimido a falar sobre as diferentes sexualidades. Toda e qualquer discussão deve ser segura, tranquila e transparente. Porém, não se pode aceitar que a violência homofóbica e transfóbica seja permissível dentro das escolas brasileiras. Trata-se de um processo de humanização e respeito com as diferenças em outras palavras, o bullying homofóbico não pode existir no meio educacional, pois enxergamos a escola como um lugar democrático, inclusivo, não secular e formativo (MARTINS, 2020 apud DINIS, 2011; GARUTTI; NEVES, 2015, p.695).

Heartstopper veio para mostrar que os agressores não prevalecerão, e que os constantes ataques violentos direcionados à comunidade LGBTQ+ não serão tolerados, porque sempre haverá alguém para impedir, questão que é reiteradamente abordada em cada episódio da série.

Corpos discentes e o direito ao afeto

Além do casal protagonista, formado por um gay e um bissexual, Heartstopper entrega ao espectador um elenco composto por diversos corpos dissidentes da cis hétero normatividade. Corpos que, como define Judith Butler, não se conformam diretamente às regras que os regulam, nunca aderindo completamente às normas que se impõem e as suas materializações (1998). Na lista de personagens temos Elle, a amiga trans de Charlie, interpretada pela atriz, igualmente trans, Yasmin Finney, que é uma das personagens mais carismáticas de Heartstopper.

⁸ Pesquisa de Comportamentos de Risco para Jovens de 2019 (YRBS). Disponível em: <https://www.stopbullying.gov/bullying/lgbtq> Acesso em: 28 mai. 2022

A representatividade trazida por Yasmim e Elle contribui para a “humanização” das pessoas trans, população que mais sofre com a violência. No Brasil, por exemplo, segundo o dossiê da ANTRA: Associação Nacional de Travestis e Transexuais, em 2021 foram contabilizados 135 assassinatos de transexuais no país, uma média de 123,8 assassinatos, no comparativo desde 2008, quando a associação começou a realizar esse levantamento. Personagens como Elle ajudam a desmistificar o senso comum patologizante e transfóbico acerca das pessoas trans, e, portanto, servem também como ferramenta educacional, que possibilita a mudança de olhar sobre uma população historicamente perseguida e violentada com base no discurso da loucura:

A transexualidade foi considerada sempre sob um prisma patologizante, e diversos médicos, psiquiatras, psicólogos, sexólogos, e mesmo cientistas sociais, defenderam que seria uma anormalidade, um desvio que necessita ser corrigido. O “transexualismo”, nesse tipo de raciocínio, assemelhar-se-ia à doença mental. (PEREIRA, 2006 p.471).

Completam o grupo central da série o casal de lésbicas Tara e Darcy, que acolhe Elle quando ela muda para a escola de meninas e se tornam suas amigas, Tao, um jovem hétero que é visivelmente apaixonado por Elle, e Isaac, o personagem menos destacado na série, um adolescente silencioso e que parece preferir a companhia dos livros a das pessoas. A série também é diversa etnicamente. A história, que se passa na branca Inglaterra, mostra adolescentes negros, brancos, asiáticos, e que não tem necessariamente um corpo que atende aos padrões. Isaac é um menino gordo, e Tara, que é vista como bonita e popular, é uma menina negra, retinta e não tão magra. Esse papel da garota popular, é usualmente atribuído a líderes de torcida loiras e muito magras, quando se trata de produtos audiovisuais voltados para o público jovem. Talvez a série fosse mais disruptiva de padrões se houvessem mais corpos gordos em destaque, como o de Isaac, ou se esse personagem se relacionasse romanticamente, o que não ocorre na primeira temporada. Porém, apesar disso, Heartstopper consegue entregar uma narrativa que rompe com os padrões que determinam quais corpos ocupam determinados espaços e estereótipos. Como outros produtos audiovisuais com personagens LGBTQIA + como protagonistas, a série dá voz a um grupo diverso de sujeitos subalternizados, porém vai além disso, e contribui para a ruptura de um modelo, geralmente pautados em finais infelizes e solitários. Talvez por isso o seu impacto do público tenha sido tão forte, pois conforme Pelúcio:

Falar de saberes subalternos não é, portanto, apenas dar voz àquelas e àqueles que foram privados de voz. Mais do que isso, é participar do esforço para prover outra gramática, outra epistemologia, outras referências que não aquelas que aprendemos a ver como as “verdadeiras” e, até mesmo, as únicas dignas de serem aprendidas e respeitadas. (Pelúcio, 2012, p. 399).

Vejamos Nick, o clássico esportista, loiro, bonito e popular da escola. Em uma narrativa tradicional de comédia romântica adolescente, ele se apaixonaria por uma garota “nerd e feia”, de acordo com o estereótipo atribuído a mulheres inteligentes, e a medida que ele se tornasse mais gentil e menos agressivo ao se relacionar com ela, a menina se tornaria mais bonita e popular ao se relacionar com ele. Mas em Heartstopper não é o óbvio que acontece. Nick se apaixona por Charlie, o colega nerd (mantendo nesse ponto o padrão da comédia romântica), gentil, sensível e gay. Ele inicia a partir dessa paixão adolescente uma jornada de autoconhecimento para entender a própria sexualidade. É uma trajetória confusa, cheia de dúvidas e inseguranças, como a de todo LGBTQIA+, mas ao final Nick percebe que é bissexual, e mais do que isso, aprende sobre boas amizades, respeito, aceitação e rede de apoio, algo que não conhecia. Com certeza um arco narrativo com muito mais nuances do que a fórmula batida dos romances.

Não devemos nos enganar, portanto, pela narrativa aparentemente clichê de Heartstopper. O que Alice Olsman entrega é algo muito mais profundo, uma história cheia de sutilezas. É importante por exemplo, que Nick seja bissexual e não gay. Mesmo que não haja uma intencionalidade consciente da autora, ao colocar na boca de Nick a frase: - sou bissexual, ela dá representatividade a uma das letras da sigla LGBTQIA + mais apagadas e questionadas no debate sobre sexualidade. Essa representação de um protagonista bissexual produz visibilidade como elemento constitutivo na produção histórica da identidade e de reconhecimento político. (PRECIADO 2017 p.5) O bissexual é muitas vezes tratado como confuso e indeciso por LGBTs, tendo sua sexualidade deslegitimada, e, portanto, apagada dentro do próprio grupo identitário ao qual faz parte.

Além disso, a bissexualidade usualmente é atribuída a mulheres, e quase sempre de modo fetichista. O mesmo acontece com as lésbicas, muitas vezes representadas nas narrativas com nuances colocadas ali propositalmente, para satisfazer as fantasias masculinas envolvendo duas mulheres. Ao entregar um personagem masculino central e bissexual, Heartstopper dá protagonismo a uma identidade “apagada”, e também apresenta um novo olhar sobre a sexualidade masculina, que costuma ficar engessada no binarismo hétero-gay, cumprindo o papel de identidade de gênero normalizadora,

segundo Pelúcio ao citar os estudos de Butler, pois fixa e reifica o que é ser mulher, homem, feminino, masculino, (2012), e raramente é apresentada de modo mais fluído.

Direito ao afeto

As histórias que acontecem ao redor dos personagens centrais são fundamentais para a construção de uma história de sucesso, que mais do que um romance, talvez seja uma história sobre a importância do cuidado e do acolhimento. Sobre o direito de ser retratado de modo gentil, e principalmente o direito de ser uma pessoa vista como digna de afeto. Isso porque, não apenas nas séries e nos filmes, mas em diversas narrativas criadas ao longo da história, existem corpos que são retratados de modo afetivo e outros que são retratados de modo violento. A construção binária dos personagens em “destinados ao amor e atenção” e “destinados a violência e à solidão” é um reflexo dos valores que atribuímos em sociedade a vida das pessoas, de acordo com uma série de marcadores interseccionais, que determinam quem merece o amor e quem merece o ódio.

Para enxergar e aceitar as diferenças precisamos estar abertos para ver que as pessoas diferentes não podem ser divididas entre binarismos e dicotomias. Não temos um conjunto pequeno de diferenças. Por isso, no campo das sexualidades e dos gêneros, em específico, existem variadas formas de sermos heterossexuais, homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, intersexos, homens e mulheres. Como podemos dizer então que somos todos iguais, reunidos em torno de um número pequeno de identidades? Os pensamentos binários, muito utilizados, tentam a todo custo trabalhar apenas com duas categorias, como se elas fossem, inclusive, absolutamente puras. (COLLING, 2013 p. 410)

Nesse jogo simbólico, o audiovisual contribui para reforçar e influenciar o valor que atribuímos às pessoas, e os rótulos nos quais as encaixamos. Há uma conexão íntima entre o modo como o olhar é pensado e o ato de assistir um filme (HIRANO, 2015, p. 147), pessoas Queer durante muitos anos serviram de referência para construção de vilões, principalmente em desenhos animados. Úrsula, a bruxa do mar de A Pequena Sereia da Disney, foi abertamente inspirada na drag queen estadunidense Divine, assim como muitos dos vilões da mesma empresa, que se encaixam no “Queer Code” termo utilizado para definir a apropriação de determinadas características atribuídas a população LGBTQIA + pela indústria cinematográfica, e que durante muito tempo foram usadas

para compor personagens vilanescos, vinculando a imagem negativa desses personagens a comunidade Queer.

O Queer Coding surgiu como consequência do Código de Hays, lei promulgada em 1927 nos Estados Unidos, regulada pelo Production Code Administration (PCA). A implementação do Código Hays se deu devido a pressão exercida por associações religiosas protestantes e católicas, de mulheres, pais e professores reivindicavam maior controle no conteúdo dos filmes, uma vez que para esses grupos o cinema estaria incentivando maus comportamentos (HIRANO, 2015 p.149). O Queer Coding surge como forma de representar pessoas LGBTQIA + em um contexto no qual a presença dessas pessoas em filmes era proibida, ou deveria ser representada como algo negativo, pois desse modo você passa a mensagem para o público que ser Queer é ruim. Talvez o personagem que melhor define o Queer Code, seja o vilão do desenho animado Meninas Super Poderosas, que é literalmente um diabo gay, e que por isso não pode sequer ser nomeado, sendo chamado apenas de “Ele”. No artigo “Queer-coded Villains (And Why You Should Care)” Koeun Kim analisa o uso de elementos específicos para a concepção desse personagem:

To better paint a picture of the sissy-caricature turned queer-coded villain, we will analyze one of the scariest, most memorable villains most millennials would recognize – Him. Him is agreed to be the most frightening enemy from The Powerpuff Girls, a popular children’s cartoon show that is, on the surface, an innocent show that children of all ages watched growing up, praised for being the first children’s program to feature three female leads fighting crime. In this example, Him is thin and tall, has prominent and thick eyelashes, thin eyebrows, blushed cheeks, and shaded lips that look painted on. He is referred to with male pronouns and is referred to as “the most evil” villain on the show (“Octi-Evil”). Costuming and props of queer-coded villains are also effeminate, usually overdone and luxurious.⁹ (KIM, 2017 p.159)

⁹ Para ilustrar melhor a imagem caricata de uma maricas adaptada para um vilão queer coded, nós vamos analisar um dos mais assustadores e memoráveis vilões, que muitos millennials vão reconhecer - Ele. Ele é considerado o inimigo mais assustador das Meninas Super Poderosas, um desenho animado popular, que é, superficialmente, uma animação inocente que crianças de todas as idades cresceram assistindo, aclamado por ser o primeiro desenho animado a apresentar três protagonistas femininas combatendo o crime. Neste exemplo, Ele é magro e alto, tem cílios longos e grossos, sobrancelhas finas, bochechas coradas e lábios que parecem pintados. Ele é citado com pronomes masculinos e é referenciado na série como o vilão mais malvado do programa. O figurino e dos adereços de vilões queer coded também são afeminados, geralmente exagerados e luxuosos. (Livre tradução dos autores)

A representação de vilões a partir do Queer Coding contribui para reforçar que LGBTQIA + são maus, e merecem ser punidos por seus crimes, um tipo de representatividade que estimula inclusive a violência contra esse segmento da população. Por isso a importância de narrativas como Heartstopper, que representam personagens LGBTQIA + com cuidado e delicadeza. A série é disruptiva de padrões, não só por mostrar um romance entre dois meninos, mas principalmente por mostrar como esses meninos são acolhidos e protegidos por seus amigos e por suas famílias. A cena que Nick Nelson conta que é bissexual para sua mãe, interpretada pela grandiosa atriz Olivia Colman, retrata de modo belíssimo como todo adolescente LGBTQIA + gostaria de ser acolhido pela família, ao falar de sua sexualidade. Outro ponto forte no quesito familiar são as aparições pontuais do pai de Charlie, cuidadoso, acolhedor e carinhoso com o filho. Uma imagem que representa tanta coisa, sobre masculinidade inclusive. Em um mundo onde as mulheres ainda assumem a maior parte do cuidado com os filhos, quando não os criam sozinhas, ver um pai participativo e amoroso com o filho gay é uma revolução.

Considerações finais

Talvez os mais exigentes digam que Heartstopper é uma história fantasiosa demais, que repete a velha fórmula do romance água com açúcar das comédias românticas, e que não retrata fielmente a realidade da população LGBTQIA +, suas lutas e as violências as quais está cotidianamente exposta. Porém, se observarmos a questão de outra perspectiva, veremos que já existem inúmeras obras que cumprem esse papel, algumas primorosamente como Pose¹⁰. Então porque não proporcionar à comunidade LGBTQIA + uma história que sempre lhe foi negada? O primeiro amor, inocente, cheio de descobertas e beleza. Uma narrativa positiva com final feliz, algo que diga aos jovens queers de hoje que suas vidas e seus corpos tem valor. Que eles merecem mais do que o ódio, a hipersexualização, a violência e a solidão.

Não é à toa que a série atingiu um público que vai muito além da faixa etária adolescente. Pipocaram artigos e vídeos, produzidos por jornalistas e comunicadores LGBTQIA + que já passaram dos trinta, elogiando a série. Todo esse retorno midiático

¹⁰ Série multipremiada, criada por Ryan Murphy e Brad Falchuk, que retrata o cenário LGBTQIA + afro-latino americano na Nova York da década de 1980. A série produzida originalmente pelo canal FX tem três temporadas, todas disponíveis atualmente no serviço de streaming Star +.

positivo vem carregado da carga emocional de gerações, que cresceram dentro de um cenário de modernidade ocidental que é um espaço de produção de masculinidade heterossexual (PRECIATO, 2017 p. 13). Pessoas que descobriram sua sexualidade e tiveram suas primeiras paixões, muitas vezes na clandestinidade, e com pouco ou nenhum acolhimento. Sem o conforto emocional de um doce romance para chamar de seu. Para essa geração mais velha, assistir Heartstopper é resgatar uma suavidade e ingenuidade a muito tempo perdida, é pensar como teria sido se a série existisse anos atrás, e principalmente, é entrar em contato com os traumas característicos desta população, e ressignificá-los.

Aqui, no mundo real, o Brasil ainda é o país que mais mata LGBTQIA + do mundo, segundo relatório do Observatório de Mortes e Violências contra LGBTQIA + no Brasil¹¹, mesmo depois da criminalização da homofobia no nosso país. Em outros países do mundo ser LGBTQIA + é crime, muitas vezes punido com a morte. A realidade é ainda um grande campo de batalha, e nessa guerra, a população Queer é alvo constante do medo, da violência e da solidão. Como sobreviver a tudo isso e ainda sorrir?

Talvez um afago carinhoso como Heartstopper não seja a solução para os problemas enfrentados por LGBTQIA + cotidianamente, mas é sem dúvida um abraço amoroso em vários corações cansados. Pelo menos aqui, nesse mundo de fantasia, o amor vence. O príncipe encantado chega, e não vem sozinho. Antes dele chegam os amigos, família, existe amor e cuidado por todos os lados, protegendo das ameaças que insistem em rondar os corações apaixonados. E talvez seja disso mesmo que estejamos precisando em um mundo cheio de ódio. Um pouco mais de amor.

Referências bibliográficas

BENEVIDES, Bruna G. (Org.) Dossiê Assassinatos e Violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021. Brasília, Distrito Drag. ANTRA, 2022.

Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf> Acesso em: 20 de mai. 2022.

BUTLER, Judith. Boddies that Matter: On the discursive limits of sex. New York, Routledge, 1998. Undoing Gender. New York, Routledge, 2004.

¹¹ Para acessar o relatório atualizado visite a página do observatório: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtbrasil.org/2022/05/> acesso em 01/06/22

COSTA, LUCAS PITER ALVES. O caso d'o Alienista de Moon e Bá: diagnóstico sobre o gênero graphic novel. 2012.

COLLING, Leandro. A igualdade não faz o meu gênero: Em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil. In: Revista Contemporânea FELTRAN, Gabriel Santis de CUNHA, Neiva Vieira (Orgs.) Vol. 3 nº2 Jul-Dez 2013. pág. 405-427. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/issue/view/10> Acesso em: 28 de mai. 2022.

HIRANO, Luis Felipe Kojima. O olhar oposicional e a forma segregada: raça, gênero, sexualidade e corpo na cinematografia hollywoodiana e brasileira (1930-1950) In: Dossiê Políticas e Poéticas do Audiovisual na contemporaneidade: por uma antropologia do cinema. Revista Aceno, Vol. 2, N. 3. Jan. a Jul. de 2015. Páginas: 142-158. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/2646> Acesso em: 27 de mai. 2022.

MARTINS, José Geovânio Buenos Aires et al. Enfrentamentos ao bullying homofóbico na escola: convite para uma reflexão. Temporalidades, v. 12, n. 1, p. 694 -695, 2020.

Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/16376/17348> Acesso em: 28 de mai. 2022.

KOEUM Kin, Queer-coded Villains (And Why You Should Care). In: Dialogues@RU BUD Tracy DEXHEIMER Lynda (Ed.) Dialogues USA, United States, 2017. Pages: 156-165. Disponível em: https://dialogues.rutgers.edu/images/Journals_PDF/2017-18-dialogues-web_e6db3.pdf#page=164 Acesso em: 10 de mai. 2022.

PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. In: Revista Contemporânea. PELÚCIO, Larissa (Org.) v. 2 n. 2 (2012): Julho - Dezembro de 2012. Pág: 395-418. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/issue/view/7> Acesso em: 28 de mai. 2022.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. A Teoria Queer e a reinvenção do corpo. Cadernos Pagu. Núcleo de Estudos de Gênero UNIFESP, Depto. de Ciências Sociais- Pagu, n. 27, p. 469-477, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/3412> Acesso em: 5 de mai. 2022.

PRECIADO, Paul B. Cartografias Queer: O Flâneur perverso, a lésbia topofóbica e a puta multi cartográfica. Ou como fazer uma cartografia “Zorra” com Annie Sprinkle. In: revista Performatus, PAULO, Hilda de FREY Tales (Org.) Ano 5, nº 17. Janeiro de 2017.